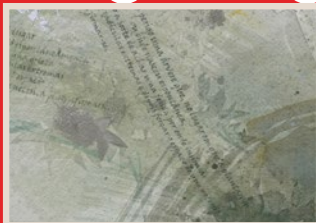
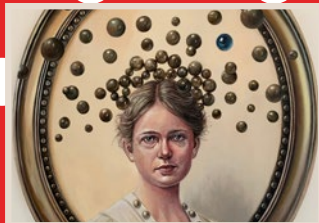
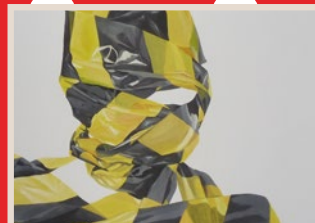
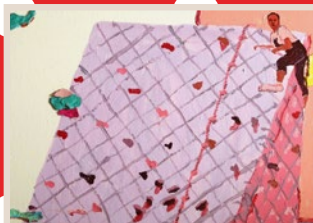
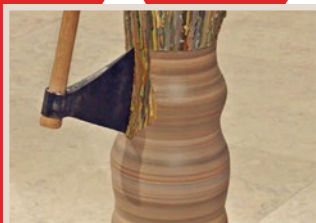
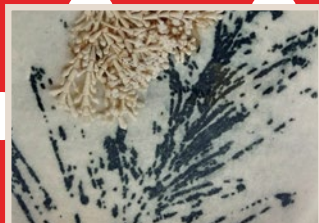


GALERIA MUNICIPAL DO MONTIJO

Nós podemos, Nós fazemos!

COLETIVA



EXPOSIÇÃO COLETIVA

Nós podemos, Nós fazemos!

Ana Sério | Bárbara Assis Pacheco | Benedita Kendall

Catarina Patrício | Guida Casella | Inês Almeida

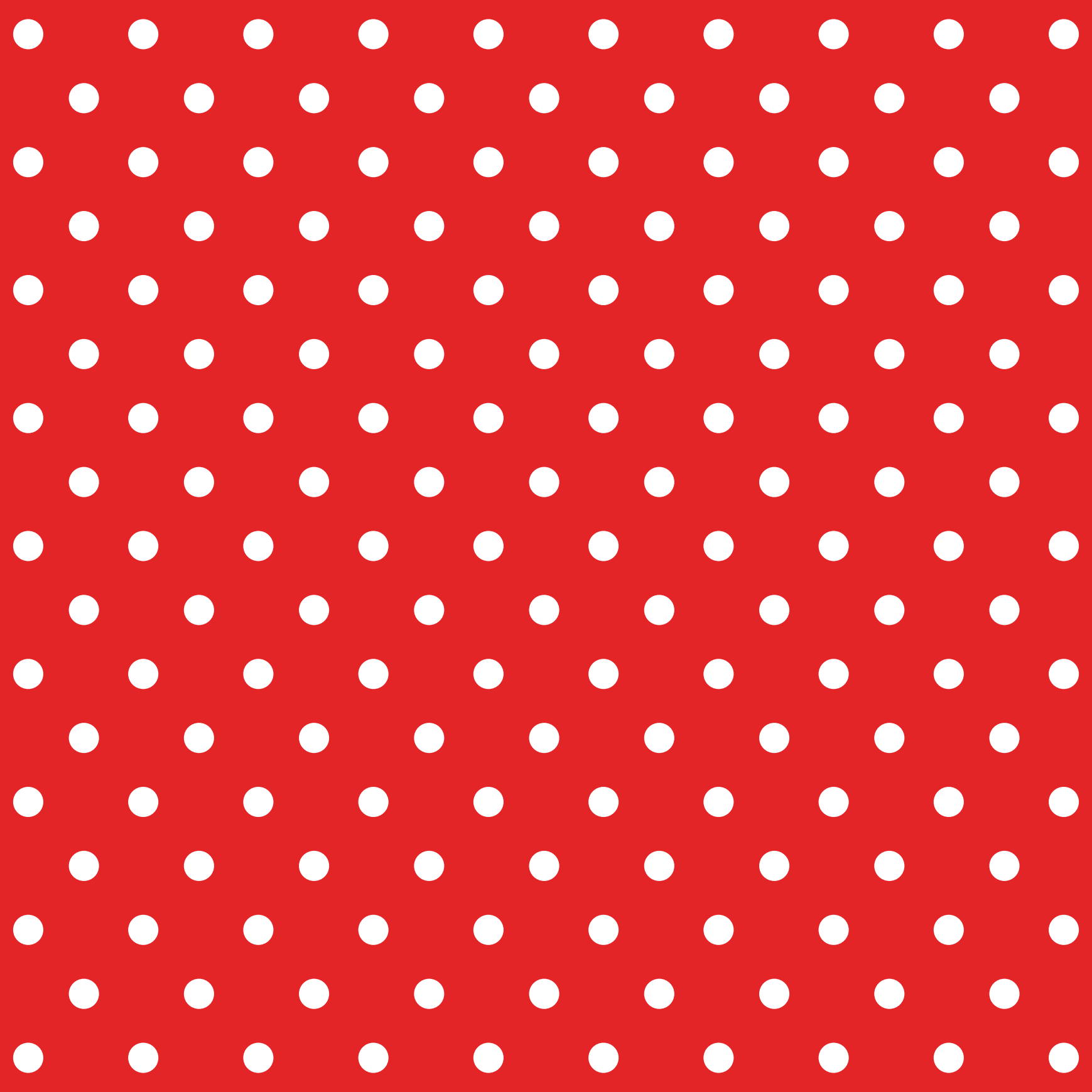
Inês Botelho | Lara Roseiro | Nicoleta Sandulescu

Paula Sousa Cardoso | Penélope Clarinha

Saskia Moro | Suzy Bila | Vivian Asapche | Xana Abreu

15 JUNHO A 3 AGOSTO 2024

GALERIA MUNICIPAL DO MONTIJO



“Nós podemos, Nós fazemos!”: exposição coletiva

com 15 artistas plásticas femininas: Ana Sério, Bárbara Assis Pacheco, Benedita Kendall, Catarina Patrício, Guida Casella, Inês Almeida, Inês Botelho, Lara Roseiro, Nicoleta Sandulescu, Paula Sousa Cardoso, Penélope Clarinha, Saskia Moro, Suzy Bila, Vivian Asapche e Xana Abreu.

“As deusas povoam o Olimpo das cidades sem cidadãs... a Virgem reina nos altares onde oficiam os padres...” no entanto, a invisibilidade da mulher artista da antiguidade até muito próximo dos nossos dias é uma realidade, num profundo contraste com a abundância de imagens suas nos museus, pois que foram, ao longo da História, os modelos e as musas dos artistas. De facto, todo o processo de emancipação da mulher, não só nas Artes, foi muito longo e muito difícil. A ausência de mulheres artistas na História de Arte não significa que não existissem, apenas não lhes era dada a oportunidade de poderem desenvolver o seu talento, com exceção de algumas que, por condição de nascimento, classe social elevada ou filhas de pintores bem-sucedidos.

Certo é que do século XIX para cá o número de artistas, a quantidade e a qualidade da produção artística feminina não parou de crescer e, é exatamente esta quantidade, qualidade e diversidade da arte feminina que se pretende celebrar com a exposição “Nós podemos, nós fazemos”, reunindo, na Galeria Municipal, os trabalhos de quinze artistas plásticas contemporâneas, neste ano de 2024, em que se celebram os 50 anos da Revolução de Abril. O 25 de Abril marcou o início de uma profunda rutura nas estruturas político-sociais até então vigentes, trazendo a mulher portuguesa para o espaço público, para a cultura, para a Arte. Terminando recordando as palavras de uma outra grande mulher das nossas letras, Sophia de Mello Breyner:

“Quando a Arte não é livre, também o povo não é livre. A ARTE deve ser livre porque o ato de criação é em si um ato de liberdade”.

O Presidente da Câmara Municipal



Nuno Ribeiro Canta

Ana Sérió



Território, 2023
Óleo s/ papel, 70 x 100 cm



Casa da Duna #2, 2020
Óleo s/ papel, 65 x 93 cm

Ana Sério

O trabalho que tenho estado a realizar desde 2016 insere-se numa pesquisa plástica que pretende objectivar pictoricamente as características da paisagem da região da Gândara inscrita na obra literária de Carlos de Oliveira, designadamente no romance *Finisterra: paisagem e povoamento* e no *Trabalho Poético*. Partindo deste universo único, procura-se representar as várias paisagens (físicas e psicológicas) construídas pelo escritor a partir do ponto de vista do narrador em diferentes fases da sua vida (criança e adulto). Este narrador, que projecta sobre a Gândara uma luz de carência e brevidade, usa, entre os seus procedimentos, elementos como o desenho infantil, a (piro)gravura e a fotografia, tornados essenciais para a construção narrativa. Tenta-se assim estabelecer uma relação produtiva, operativa, entre linguagem literária e a linguagem pictórica, criando um espaço de comunicação que aproveita os diversos códigos linguísticos utilizados pelo escritor, com vista a relacioná-los entre si no suporte físico da tela ou do papel, de forma a abrir ao fruidor uma dimensão outra, de percepção inesperada e rica de sugestões.

Ana Sério, 2024

Nasceu em Oeiras em 1976. Licenciada em Artes Plásticas/Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Mestrado em Pintura em 2002 pela Norwich School of Art & Design, Inglaterra. Bolsas pela Fundação Cidade de Lisboa e Norwich School of Art and Design. Doutoranda em Pintura na FBAUL.

Exposições Individuais

2023: *Ainda se Movem*, Galeria São Mamede, Lisboa;
2022: *Génio do lugar*, Galeria de Arte do Convento do Espírito Santo, Loulé; 2020: *ser-paisagem*, Galeria São Mamede, Lisboa; 2018: *paisagem sem povoamento # 3*, Paços- Galeria Municipal de Torres Vedras; 2016: *paisagem sem povoamento #2*, Galeria São Mamede, Porto; *paisagem sem povoamento*, Galeria São Mamede, Lisboa; 2015: *Efémere Retorno*, Galeria Vale do Lobo, Galeria São Mamede, Algarve; 2012: *So(bre) Papel /On(ly) Paper*, Galeria São Mamede, Lisboa; 2010: *Sobre Papel*, SOPRO Projeto de Arte Contemporânea, Lisboa; 2009: *De la expresión al contenido*, IVAM (Institut Valencià

d'Art Modern); *Territórios de Transição #08*, "Espaço(s) Reflectido(s)", com curadoria de Luís Serpa, Centro Cultural de Cascais; 2008: *A Sombra do Espelho*, Galeria Ratton, Lisboa; 2007: *Sem título*, Paços-Galeria Municipal de Torres Vedras; 2004: *A Forma das Cores*, Galeria Barata, Lisboa; 2001: *Vivências*, Galeria Ruben Cunha, Lisboa.

Prémios (selecção)

2005: 1.º Prémio Artur Bual, III Feira de Arte Contemporânea do Estoril; 2000: 1.º Prémio de *Pintura* João Barata 2000, Galeria Barata, Lisboa.

Exposições Colectivas (selecção)

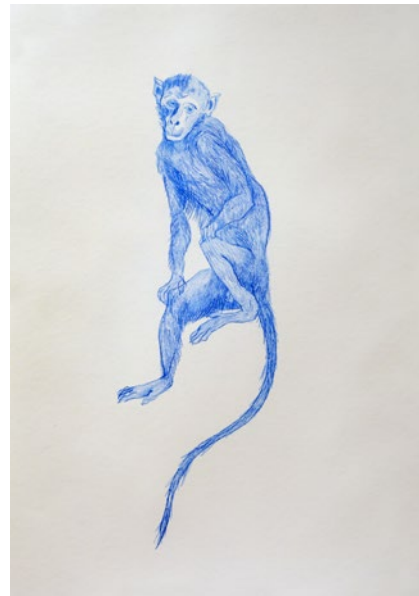
2009: *À Crise*, Coletiva de Desenho, SOPRO Projeto de Arte Contemporânea, Lisboa; 2008: *Superfícies de Contacto*, com curadoria de Luísa Soares de Oliveira, Paços da Cultura, Centro de Arte de S. João da Madeira; 2006: *Coletiva Onze*, Galeria Valbom, Lisboa; 2004: *Novos Valores da Pintura*, Galeria São Francisco, Lisboa.

Bárbara Assis Pacheco

Algumas palavras sobre os desenhos: os animais mais usados desde sempre na sátira - política e não só - desenhados a lápis azul. Apenas isto. Sim, bastante literal.

Bárbara Assis Pacheco, Setembro 2023

Bárbara Assis Pacheco (Lisboa, 1973).
Vive e trabalha em Lisboa. Licenciou-se em Arquitectura (FAUTL, Lisboa) e em Filosofia (FCSHUNL, Lisboa), entre as duas fez Desenho e o Curso Avançado de Artes Plásticas no Ar.Co (Lisboa).
Participou na primeira edição do curso de Fotografia do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística.
Faz desenhos e coisas.



Série "nunca mais", **macaco**, 2023,
lápis azul s/papel, 58 x 41,5 cm

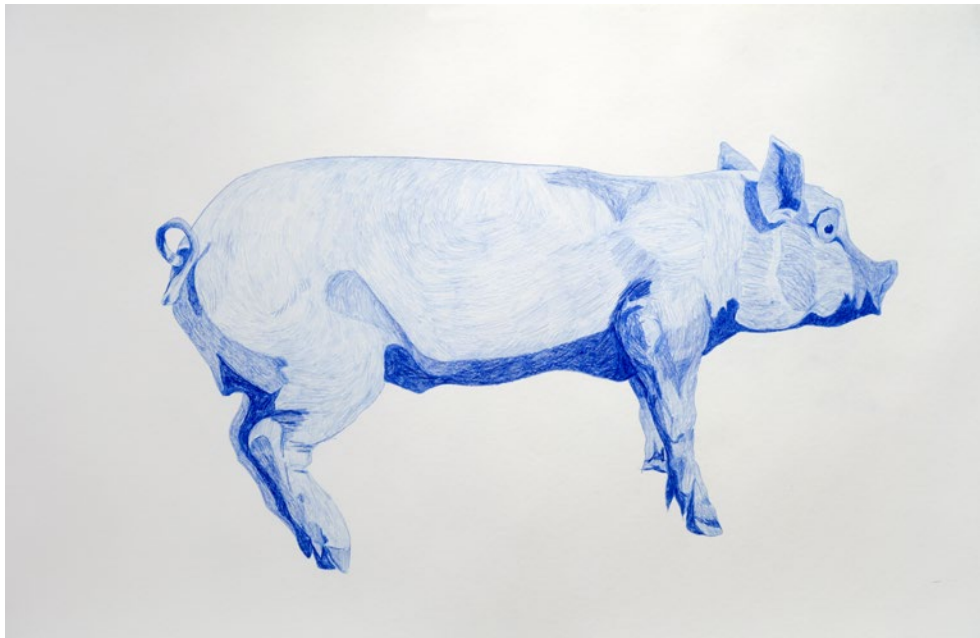
Bárbara Assis Pacheco



Série "*nunca mais*", **burro**, 2023, lápis azul s/papel, 126 x 180 cm



Série "*nunca mais*", **papagaio**, 2023,
lápiz azul s/papel, 35 x 23,5 cm



Série "*nunca mais*", **porco** (leitão), 2023, lápiz azul s/papel, 68 x 126 cm

Benedita Kendall



Desconstrução de identidade I, 2017
Acrílico sobre tela, 80 x 80 cm



Singularidade afetiva, 2017
Acrílico sobre tela, 90 x 60 cm

Benedita Kendall

Participo na exposição “Nós podemos, nós fazemos!” com a gratidão por ter crescido com a democracia do meu país, com o orgulho de ser mulher e ser artista, por ter conseguido realizar o meu sonho e trilhar o meu caminho com autonomia. Sou livre e pude fazer escolhas e por isso penso nas mulheres cujas opções de vida foram negadas, por causa da ditadura e do pensamento vigente.

Dedico a minha participação nesta exposição à minha mãe, que não foi autorizada a estudar em Coimbra por ser mulher, ainda que tivesse tirado excelentes notas no secundário e que o seu irmão tivesse beneficiado dessa situação e se tivesse licenciado em Coimbra uns anos depois.

O meu processo de trabalho consiste na conjugação de imagens, que juntas contam uma narrativa não linear. São instantâneos incontrolados que não se baseiam na lógica. São memórias desconstruídas, narrativas contrapostas, imagens oníricas desenhadas com recurso à metáfora, à fábula, à ironia, sátiras anedóticas sobre as situações que observo, retenho e desconstruo. São imagens de imagens, redesenhadas, recicladas, reescritas no meu pensamento, que vasculho na minha memória, para expressar o que sinto. As imagens que produzo vêm de lugares recônditos, resultam de uma lenta sedimentação de experiência e de sentido.

Benedita Kendall, 2023

Nasceu no Porto em 1971. Frequentou o Curso de Desenho na FAUP. Licenciada em Artes Plásticas-Pintura, na FBAUP. Frequentou ISA de Salzburg. Bolseira no Reino Unido. Mestrado em Práticas e Teorias do Desenho na FBAUP.
É Professora do Ensino Secundário de Artes Visuais. Formadora no CFAE Matosinhos.

Exposições Individuais:

“Vestígios” na Cooperativa Árvore, Porto, 2003; “Vestígios de Intimidades”, Galeria S. Mamede, Lisboa, 2005; “Superfície-pele”, Galeria S. Mamede no Porto, 2006; “Alegorias”, Espaço Iduna, 2007; “Histórias improváveis”, Galeria S. Mamede, Lisboa, 2008; “Design Emocional”, Museu do Douro, Régua, 2011; “Cenários do quotidiano”, Galeria S. Mamede e Galeria Municipal do Montijo, 2022.

Prémios:

Workshop Augusto Gomes, 1988; Concurso Nacional dos Jovens nas Artes, 1994; Prémio Águas do Minho e Lima na Bienal de Cerveira 2003; Concurso “30 anos da Universidade de Aveiro”, 2003; VI Bienal de Pintura Eixo Atlântico 2004/2005.

Publicações:

“A nossa vida emocional”, pela Editorial Presença, em 2003; “Novos são os poemas”, Castro Rocha, Atelier, Produção Editorial, 2006; “Torga, Retratos e Paisagens”, Cooperativa Árvore, 2007; “The trip”, José Manuel Soares, edições portáteis, 2009; “Design Emocional”, Museu do Douro, 2010, texto Valter Hugo Mãe; “The creativity vírus”, Katja Tschimmel, Mindshak Edições, 2019; “Creativamente”, Katja Tschimmel e Angélica Sátiro, Mindshak Edições, 2020.



Catarina Patrício

O meu trabalho vive no espaço do corte e montagem de imagens enquanto texto. As imagens, breves expressões que transportam sentido, são pela sua função sógnica máquinas de produção de sentido – e todos os aparelhos da memória, todos os enunciados a que se responde, todas as relações entre coisas, são condicionadas histórica e tecnicamente por máquinas de produção de sentido. A arte não escapa a esta condição nem a anula; mas pode reproduzi-la, denuncia-la, boicota-la ou suspende-la. Isto interessa-me.

Se colecionar imagens-texto é reunir relações de significado, cortar e montar são já operações de significação. As técnicas de corte *desterritorializaram* imagens ao arquivo e as técnicas de reprodução e montagem *reterritorializam* as mensagens em desenho-texto. Estas técnicas não são exclusivas a processos mecânicos e contam com uma certa arbitrariedade na misturadora. Formam-se novos lances de imagem-texto e é com a abertura do sentido que se joga. O traço é também o seu assunto: a densidade do grafite e do carvão lembra as linhas originárias com que o desenho programou sistemas de inscrição – as imagens e a escrita – e é ainda vestígio na expressão e contacto que deu a ver a relação contígua com o gesto (único porque irrepetível) que os desenhou.

Catarina Patrício, 2024

Catarina Patrício (n. Lisboa 1980), vive e trabalha em Lisboa. Doutorada em Comunicação pela NOVA-FCSH, na especialidade cultura contemporânea e novas tecnologias, realizou estudos de pós-doutoramento na mesma faculdade. Foi bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia em doutoramento (2009-2014) e em pós-doutoramento (2015-2020), tendo beneficiado de um apoio à criação artística pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2015. Artista Visual, formada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (1998-2003), e Mestre em Antropologia pela NOVA-FCSH, estudou fotografia na FH Bielefeld em 2000. Catarina Patrício é desde 2010 professora no departamento de cinema e artes dos media da ECATI- Universidade Lusófona, e foi professora convidada na NOVA-FCSH em 2022-2023. Investigadora integrada no CICANT, publica ensaios e expõe obra artística regularmente. Está representada nas coleções do Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), Fundação Cão Parque, Fundação Adelino Amaro da Costa, Fundação Engenheiro António de Almeida, Coleção Norlinda e José Lima e Red Bull Art Collection. Expõe individualmente desde 2009, destacando-se as exposições individuais mais recentes:

Balada do Condado Laranja (2024), MNAC, Lisboa; Garagem Patrício (2023), Marvila Studios, Lisboa; Out of the blast (2022), Galeria São Mamede, Lisboa; Maybe you understand fiction better than real life (2021), Galeria São Mamede, Porto. Seleção de coletivas: Descuradas (2023), Centro de Arte Oliva, São João da Madeira; ArtMadrid (2022); Drawing Room Madrid (2021); Drawing Room Lisboa (2021), Prémio Amadeo de Souza-Cardoso (2020), Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso, Amarante; Para Além do Zero e do Um (2018), Mute, Lisboa; O Resto e o Gesto: desenhos para o Século XXI (2014), Museu do Cão, Vila Nova de Foz Cão; Pavilhão de Portugal (2009), Hangart-7, Salzburg; all work and no play, Plataforma Revólver, Lisboa, 2008; Up Coming Show (2008), Espaço Avenida, avenida da Liberdade 211, Lisboa. Nas publicações, destaca-se os ensaios: crónica de um narrador perdido na época da possibilidade da informação planetária (2024), in Frame[Scapes] para uma Geocinématica, Júlio Alves e Hugo Barata (Org.), Lisboa: Stolen Books; A Geoestética (de Baalbek a Palmira) e a Terra como Objeto Político (2021), in Crítica das Mediações Totais - Perspectivas expandidas dos media, Manuel Bogalheiro (Org.), Lisboa: Documenta.



Catarina Patrício



news media, 2022

Grafite e carvão sobre papel, 100 x 70 cm



Dystopia I guess.

1984: Dystopia I guess, 2023
Carvão e grafite sobre papel, 152,5 x 97 cm

Guida Casella



Mulheres com côr e liberdade, 2024
Pastel de óleo e acrílico s/ papel emoldurados
2 desenhos, 40 x 60 cm cada



Conjunto de assemblage e object trouvée, 2024

Moçoila casadoira

Assemblage de conjunto de livros de literatura de cordel emoldurados, 50 x 70 cm

Baby, baby, this door is closed, honey, honey, this door is closed [esta porta está fechada]

Intervenção a tinta acrílica sobre objeto encontrado, 35 x 55 cm



Guida Casella

Para esta exposição pesquisei o papel da mulher antes e depois do 25 de Abril, confrontando-me com os arquétipos da mulher tradicionais – mãe, dona de casa, sem liberdade, sem acesso a emprego ou educação, sem autonomia.

Os seus escapes intelectuais e criativos seriam os lavoures e a cozinha, nomeadamente trabalho de costura, bordados e rendas. Com um pouco de sorte procurava casar com um bom partido.

A minha proposta é, por um lado a apresentação de um conjunto de livros de literatura de cordel que evidenciam o papel da mulher nos anos 60. Uma mulher dependente de um homem para ser alguém. Ao lado, uma porta branca onde se pode ler um texto circular, como uma ladainha a lembrar que o que lá vai lá vai, e não volta: *Baby, baby, this door is closed, honey, honey, this door is closed [Querida, querida, esta porta está fechada, princesa, princesa, esta porta está fechada]*.

Por outro lado, apresento dois desenhos de modelo nu, bem coloridos, contrastando com a moldura preta e opressiva. A côr simboliza a liberdade, face ao espartilho negro que a tenta enquadrar.

Guida Casella

Nasceu em Lisboa em 1974. Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa e Mestrado em Ilustração Científica aplicada ao Património Arqueológico pela Universidade de Bath, Reino Unido, Doutoramento em Media Digitais pela Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Austin, Texas. O seu percurso passa pela intersecção de artes, ciência e tecnologia. Colabora com diversas instituições enquanto ilustradora científica (Instituto Arqueológico Alemão, Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico, Centro Arqueológico de Mértola, entre outros, em Portugal e na Galiza).

É professora de Desenho na Universidade de Lisboa (Faculdade de Belas Artes e Instituto Superior de Agronomia). Participa em exposições colectivas e individuais ligadas ao desenho desde 2001.

2020 – “Grupo do Risco- Desenho em Cadernos e Fotografia”, Museu Nacional de Historia Natural, 2020.

2018 – “Arqueologia: Desenho Científico e Outras Histórias”, Galeria Municipal do Montijo, 2018.

2013 – “Close Closer” Presenting the webdoc “Mundo Mouraria”, Trienal de Arquitetura de Lisboa, Lisboa; **“Lugares”**, Galeria dos Paços do Concelho, Torres Vedras.

2012 – “Travelogues”, Geologic Museum of Lisbon, Museu Geológico, Lisbon.

2010 – “Timeline-The Time of Drawing”, Exhibit, Artistic Residency and Theoretical Debates on Drawing, Drawingspaces, Lisbon, 2010.

2009 – “Viarco Express”, Museu da Presidência, Lisboa.

2003 – “A Extrutura da Experiência” Fine art collective, comiss. By Carlos Vidal en Pedro Serrenho Art Gallery, Lisboa.

2001 – ‘T9’, Exposição final da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, ZDB-Galeria Zé dos Bois, Lisboa.

Inês Almeida

Inês Vespeira de Almeida

Lisboa, 1977

inesv.almeida@gmail.com

Frequentou, na Escola António Arroio, o Curso de Ourivesaria e Metais de Arte. Procurou (e encontrou) novas linguagens no campo da Joalheria na Escola Massana Centre d'Art i Disseny em Barcelona, cidade onde residiu durante sete anos. Fez o curso de Artes Aplicadas com especialização em Joalheria e mais tarde a licenciatura em Arte e Design - Joalheria. Paralelamente aos estudos desenvolveu, entre outras actividades, projectos de intervenção social/laborais vocacionados para a comunidade Cigana. Fruto de um trabalho de observação e de uma necessidade pessoal e profissional de utilizar os recursos técnicos e artísticos para intervir em áreas socialmente marginalizadas.

Em 2003 voltou para Portugal e um ano depois entrou como docente da disciplina de Projecto e Tecnologias de Ourivesaria e mais tarde Gravura, na Escola Artística António Arroio.

Tem o seu trabalho mencionado em diversas publicações nacionais e estrangeiras sobre joalheria contemporânea. Apresenta as suas peças, em exposições individuais e coletivas desde 2000, participando, no momento, em **"Madrugada"**, II Bienal de Joalheria contemporânea de Lisboa, 2024, Museu do Tesouro.

O seu trabalho é realizado com técnicas de Joalheria e gravura, associando muitas vezes objectos encontrados ou elementos naturais. Constrói e imagina narrativas que procuram novas paisagens para seguir caminho.

Um Lugar.

Um lugar gravado.

Um lugar marcado num papel.

Um lugar gravado na memória.

Um lugar que levamos connosco. Recolher, respigar para nunca esquecer por onde passamos e o que sentimos. Sentidos.

Um lugar que nos fica agarrado ao corpo. O pin que marca o sítio no mapa. No corpo. Na vida.

Inês Almeida, 2024

Inês Almeida



Série "Recolher. Descobrir. Respigar.
Impressões da Memória."

S/Título III a/b

Pendente reversível

Prata, gravura sobre papel e algas
37 mm (diâm) x 18 mm (profundidade)





Série "*Recolher. Descobrir. Respigar. Impressões da Memória.*", **S/Título I**
Pendente, Prata, vidro e algas, 37 mm (diâm) x 18 mm (profundidade)

Inês Botelho

**Continuada Revolução
interrompida, 2021**
Madeira, tinta acrílica,
espelho, machado.
150 x 50 x 50 cm





Continuada Revolução interrompida, 2021, pormenores



Inês Botelho

Motivada pela possibilidade de propor alteração de paradigmas, Inês Botelho ‘inventa’ esculturas, arquiteturas e desenhos, como que à procura de novos arquétipos. Arquétipos que incorporam um lado “antropológico” numa relação Espaço - Tempo (condição elementar e universal da existência) através do uso da Geometria e da Física (gravidade, perspectiva, orientação, ciclos da natureza, trajetórias planetárias). O resultado são narrativas dinâmicas em que por exemplo: os efeitos podem preceder as suas próprias causas, em que a matéria em movimento perpétuo pode fossilizar, em que as estruturas funcionais se auto-boicotam, em que duas antagonias coincidem, e sabe-se lá mais o quê.

Na obra “Continuada Revolução interrompida”, um tronco rodou sobre o seu próprio eixo e fixou esse movimento na sua morfologia até ao ponto em que é golpeado por um machado. A machadada provocou o movimento de revolução e/ou interrompeu-o e estacionou o objecto na sua forma, cor, textura e brilho originais. Ao assentar num espelho que duplica a sua extensão vertical a partir da zona revolucionada, a revolução continua e continua... aliás, a revolução continua até refletir a sua interrupção.

Inês Botelho, 2024

Lisboa, 1977. Estudou em Lisboa e em Nova Iorque: Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes, fez o Curso Avançado e o Projecto Individual em Desenho do Ar.Co, e o ‘Master Fine Arts’ degree pelo Hunter College, The City University of New York. Expõe desde 1998.

Destacam-se os seus projetos: “Da Estátua à Revolucionada revolucionária” (Maat EDP, Lisboa, 2024); “Travessia em Revolução” (MACE - ZDB, Elvas, 2022); “Ladrão de Barulhos” (Teatro LuCa, Lisboa, 2020); “Havia um Sino no meio da estrada” (Fundação EDP, Lisboa, 2016). As exposições na Galeria Filomena Soares: “O espaço diz à matéria como se mover e a matéria diz ao espaço como se curvar” 2014; “Presença Inflectida” 2011; “Resistência e Desistência” 2008; “Inês Botelho” 2005. “Náufrago” (Laboratório de Curadoria, Guimarães 2012); “Meio-dia suspenso” (Praça Machado Santos, Torres Vedras, 2010); “Lugar Falhado” (Pavilhão Branco, Museu da Cidade, 2008); “El Original Espacio Social” (Matadero, Madrid, 2007); “Trade-off/Gravidade e Graça” (Casa dos Dias da Água, 2007); “Sem-título” (ZDB, 2005).

Das exposições coletivas, destaca-se a sua participação em: Tudo o que eu quero – Artistas Portuguesas de 1900 a 2020 (Centre de Création Contemporaine Olivier Debré, Tours, em 2022; e na Gulbenkian, Lisboa, em 2021);

Espaços Imaginados (2020, SNBA, Lisboa); A Metade do Céu (2019, Museu Vieira da Silva, Lisboa); LandArt Cascais (2018, Quinta do Pisão); Prazer do espírito e do olhar (2017, itinerante nos Açores); Twist The Real (2015, Plataforma Revólver, Lisboa); A Natureza ri da Cultura (2013, Museu da Aldeia da Luz); Sítio das Artes (2007, CAM - Gulbenkian); Metaphysics of Youth Fuoriuso (2007, Pescara, Itália); Europart (2006, Viena e Salzburgo); Migrations (2006, Fundación Boti, Córdoba); Conflux Psychogeography Festival (2006, Brooklyn, NY); EDP Novos Artistas (2003, Serralves); Veneer /Folheado (2003, Catalyst Arts, Belfast); 46 Salon de Montrouge (2002, Montrouge); Gotofrisco (2001, ZDB e Southernexposure, São Francisco); Inmemory (2001, ZDB) e T9 (2000, ZDB).

A sua obra encontra-se representada nas colecções: Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian, Arte Contemporânea do Estado Português, Fundação EDP, Fundação PLMJ, Fundação Leal Rios, Fundação Altice Portugal, Arquipélago CAC, ANACOM, MAK Museu de Artes Aplicadas de Viena, ZDB, Associação Nacional de Jovens Empresários do Porto, Colecção de Arte Contemporânea Figueiredo Ribeiro, António Cachola, entre outras.

Lara Roseiro

O processo criativo traz camadas do quotidiano, a marca do tempo e a vida doméstica. Aqui é visível uma relação entre a prática artística e o dia-a-dia: a casa é, assim, materializada, apropriada e incorporada no corpo de trabalho como uma extensão da própria vida. Uma casa com vista para o quotidiano que reflete um solitário modo de viver diário. Este espaço, que abriga e protege, está intimamente ligado a todas as nossas memórias e vivências contendo narrativas que evocam cheiros, afetos, sons, texturas, emoções ou sabores que habitam a nossa identidade.

Os trabalhos remetem para uma linguagem *Pop* – a colagem, o recorte, a repetição, os objetos, a cor, o humor – contaminada por anúncios publicitários e pelas modas efémeras, onde as figuras femininas usam farpelas desempoeiradas de paleta fauvista – amarelo-cítrico, rosa-chiclete, verde-chá, violeta-beringela, azul-Klein, vermelho-selénio – que evidenciam uma herança de figurinos e de tecidos com padrões florais, esféricos ou sinuosos e que estimulam a fantasia, a liberdade e o prazer das necessidades sociais. Transportam, também, para um jogo de palavras com uma perspectiva humorística, subtis trocadilhos ou graçolas que sugerem ambiguidades semânticas e uma multiplicidade de sentidos, ou sem sentido algum.

As pinturas enraízam no espaço íntimo do quotidiano feminino, dentro de um olhar despretenso, através de narrativas que evocam lugares-comuns e que permitem a entrada do observador tornando-o um *voyeur*.

Lara Roseiro, 2024

Lara Roseiro

www.lararoseiro.com

Nasceu em Coimbra em 1980. Vive e trabalha em Azeitão.

Mestrado em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2014). Licenciatura em Pintura pela Escola Universitária das Artes de Coimbra, ARCA/EUAC (2003).

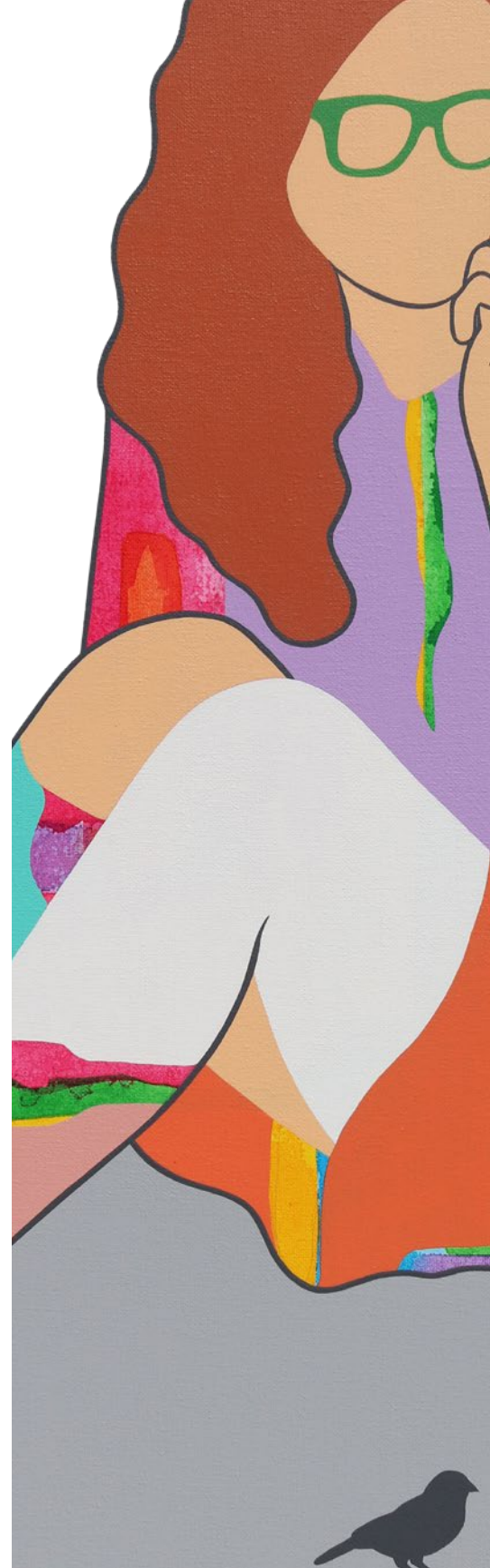
Prémios e distinções: 1.º Prémio – “Prémio Elena Muriel”, Oliveira de Azeméis (2016); Menção Honrosa, “Aveiro Jovem Criador” (2011); 2.º Prémio, 5.ª Bienal de Pintura de Arte Jovem de Penafiel (2008); Menção Honrosa, 5.ª Bienal Internacional de Arte Jovem de Vila Verde (2007); 3.º Prémio

“Aveiro Jovem Criador” (2004).

Expõe regularmente desde 2001 em exposições individuais e coletivas e a sua obra está representada em coleções públicas e privadas.

Mencionada em várias publicações: Revista Egoísta #73, Catapult Art Mag #31 (EUA), Bogamia Art & Fashion Mag #20 (EUA), Homem Magazine #230, Ideias Casa Cláudia #10, etc.

Realizou diversas intervenções de arte pública, tendo projetado recentemente um mural com 73 m² composto por azulejos localizado no Museu de Etnomúsica da Bairrada.



Lara Roseiro



Ficar a ver navios, 2024, Acrílico sobre tela, 80 x 60 cm



Calor de ananases, 2022, Técnica mista sobre tela, 80 x 60 cm

Nicoleta Sandulescu



Série *Em casa!*, **s/título**, 2021
Acrílico sobre tela, 40 X 40 cm

Série *Em casa!*, **s/título**, 2021
Acrílico sobre tela, 40 X 40 cm

Série *Em casa!*, **s/título**, 2021
Acrílico sobre tela, 40 X 40 cm





S/Título, 2018, Carvão, tinta da china e acrílico sobre papel, 42 x 59,4 cm

Nicoleta Sandulescu



O corpo performativo, como instrumento, como “casa” ou “morada” de onde partem ações, a exploração e o confronto do mesmo com vários espaços estão na origem do seu processo artístico.

O trabalho que tem vindo a desenvolver passa pela exploração do corpo múltiplo (pois o corpo performativo é um corpo em estado de “definição” contínua) que se abre para reflectir o espaço. O corpo marca o espaço, tal como o espaço deixa de o ser se não o pensarmos como habitado pelo corpo. A casa é o lugar onde o corpo age no espaço ao mesmo tempo que o espaço estimula o corpo. Trata-se de habitar uma casa, mas também de habitar um corpo.

Portanto, no campo temático, encontram-se, constantemente, no seu trabalho, ideias que se prendem com a noção de identidade, espaço, objeto, pose, descontextualização, olhar, atenção.

É neste espaço que o seu trabalho ganha a dupla capacidade de ir ao encontro do *eu* ou levar a um sentimento de evasão de *si* e se desenvolve, pendendo entre a figuração e a abstração, entre o visível e o invisível o surgimento e o desaparecimento, num estado ambíguo de ser e não-ser.



Nicoleta Sandulescu nasceu em 1994, vive e trabalha em Lisboa vi. Concluiu o Mestrado em Pintura na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Trabalha com fotografia, desenho e pintura.

Exposições individuais

2017: *Singularidade Múltipla*, Sintra, MUSA; 2020: *Múltipla Singularidade*, Lisboa, Arte Periférica; 2021: *Na Casa do Corpo*, Luxemburgo, Centro Cultural Português; *E se?*, Arte Periférica. 2023: *Objeto entre objetos*, Montijo, Galeria Municipal;

Exposições coletivas

2017: Exposição de Artes Plásticas, Cascais, Centro Cultural; Gravura Contemporânea, *Novos Olhares sobre o Côa*, Museu do Côa; “3.27”, Cascais, Centro Cultural; 2018: *Art Madrid '18*, Madrid, Arte Periférica; *As Sandulescas*, Arte Periférica; Exposição de Finalistas, Lisboa, SNBA; *Desenho(s) em Construção*, Lisboa, Gal. da Junta de Freguesia de St.ª Maria Maior. 2019: *Sulcos e Linhas de Água no Vale do Côa*, Lisboa, Museu Arqueológico do Carmo. 2020: *JustLX*, Madrid, Arte Periférica; *Drawing Room*, Lisboa, SNBA. 2021: *A Arte Chegou ao Colombo*, Lisboa, Museu Coleção Berardo; Bienal de Arte de Espinho; *Drawing Room*, Madrid,

Arte Periférica; JOVARTE, Lisboa, Gal. Vieira da Silva; *Un Ballo in Maschera* pelo Chiado e pelo Carmo Artes na Esfera Pública, Portugal, Itália, Polónia, França.

2022: Bienal Internacional de Pequim, 9.ª ed., Museu Nacional de Arte da China; *Chiado, Carmo, Paris. Soirée chez lui. Desassossego e apropriação*, Lisboa, Jardim de Esculturas do MNAC; *São ou Não*, Lisboa, Gal. São Mamede; *Papel, Figura, Paisagem*, Lisboa, Campo Pequeno Art Gallery. 2023: *Pequenos Formatos*, Lisboa, Gal. Monumental; *Chiado, Carmo, Paris: os “lugares” de Dordio Gomes e as bifurcações da pintura*, Porto, Museu Soares dos Reis; *Hammer Time*, Lisboa, Galeria Zaratan.

Prémios e Distinções: Prémio Paula Rego, 2.ª ed., Cascais, Casa das Histórias, 2017; Prémio Caixa Geral de Depósitos, Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2018; Finalista Prémio Arte Emergente Fundação Millennium bcp, Lisboa, 2019; Prémio Aquisição XXI Bienal Internacional de Arte de Cerveira, Vila Nova de Cerveira, 2020; 1.º Prémio, Concurso *Amália um Olhar Contemporâneo*, Galeria António Prates, 2020; Finalista Prémio Abel Manta de Pintura, Gouveia, 2021; 1.º Prémio de Fotografia, Sintra, MUSA, 2021; Finalista Prémio A Arte Chegou ao Colombo, Lisboa, Fundação D. Luís I, 2023.

Paula Sousa Cardoso

Um dia, perderemos um segundo do nosso tempo. O derreter do gelo polar altera a rotação da Terra que está agora a acelerar. Pela primeira vez será necessário retirar 1". Tudo acelera à nossa volta.

No meu processo criativo, descontextualizo e fundo elementos díspares como se o hiato espaço-temporal em que se encontram fosse a única forma de dialogarem. Construo imagens falsas oferecendo uma realidade confortável, tal como a que ambicionamos viver. Até que ponto é real o que experienciamos? Até que ponto somos reais quando tudo o que gira em torno do nosso eixo rotacional é (re)presentado e, portanto, *fake*? Partilho ainda o meu ser irrequieto, aquele que é composto por tantos outros, aquele que estranha a sua própria obra.

"F. A. K. E. or The Great Artificial Knack Experiment" representa a sociedade falsa e bastante virtual em que vivemos. Nesta, assumimos valores e ideologias que colocam em perigo a nossa própria inteligência e espécie.

Contudo, apesar de vivermos tempos tão perigosos, ligações tão voláteis, podemos afirmar que o fazemos porque tomamos conta do nosso próprio destino. Se erramos, é porque queremos, se voamos, voamos porque construímos as nossas asas.

Que o segundo que percamos seja aquele em que a liberdade não é garantida. "Tenho uma vida que não (vi)vi dentro de mim": assim ecoam as vozes femininas, de há mais de 50 anos, que imagino ouvir.

A Madalena quis voar e voou... ousa e surpreende num mundo estranho e falso porque é **LIVRE**, porque **PODE** e **FAZ**!

Paula Sousa Cardoso, 2024

Paula Sousa Cardoso

(Santarém, 1974)

Estudou na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa onde se licenciou em Artes Plásticas – Pintura (1998) e realizou o Mestrado em Pintura (2003).

Das várias exposições individuais, destacam-se algumas das mais recentes: "F. A. K. E." (2022), "O Outono em Pequim" (2020) e "De Amor e Luxúria" (2018), na Galeria Arte Periférica, Centro Cultural de Belém, Lisboa, onde expõe desde 1999. Tem participado em diversas exposições coletivas, destacando as seguintes em 2022: "Papel, Figura, Paisagem" (exposição em parceria com a Galeria Arte Periférica) na Galeria Campo Pequeno, Lisboa; "Drawing Room Lisboa Art Fair – 5.ª edição, Sociedade Nacional de Belas

Artes, Lisboa; "Com batôn nos dentes" com a artista Isabel Sabino, Galeria Municipal do Montijo; "Talking with Masters – Second Silk Road International Cultural Exhibition", Gansu, Dunhuang, China (setembro 2017) e "A Possible Breeze – Whispers", Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (novembro 2017), no âmbito de uma parceria entre o Ministério da Cultura Chinês, a Fundação Oriente e a Arte Periférica; "Périplos – Arte Português de Hoy", Centro de Arte Contemporâneo de Málaga. Está representada em diversas coleções particulares em Portugal e no estrangeiro, tais como: a Benetton Foundation, CAC Málaga, Banque Privée Edmond Rothschild Europe, Museu da Cidade, Lisboa, Museu Municipal de Sintra.



Paula Sousa Cardoso



What you see is what you get #1, 2024
Óleo sobre papel canson 300 g, 65 x 50 cm



What you see is what you get #2, 2024
Óleo sobre papel canson 300 g, 65 x 50 cm



F. A. K. E. or The Great Knack Experiment, 2022
Óleo sobre tela, Díptico, 2 x (120 X 100 cm)

Penélope Clarinha



Les Sphères #2, 2023, Óleo sobre tela, 50 x 60 cm (oval)

Les Sphères #1, 2023, Óleo sobre tela, 50 x 60 cm (oval)



Les demoiselles #7, 2023
Óleo sobre tela, 50 x 60 cm (oval)



Resignação #2, 2022
Óleo sobre tela, 50 x 100 cm

Penélope Clarinha

Ando sempre por aqui, por entre pessoas antigas, aquelas que estão nos seus retratos, muito descansadas, estáticas para a eternidade e que, de repente, sem saberem como nem porquê, são voluntários à força, obrigados a reaparecer numa realidade que não percebem, em cenários que desconhecem, com animais que nunca viram e rodeados de objectos cuja utilidade ignoram, tornando assim o passado numa coisa extremamente imprevisível.

Claro que, ao caírem de chofre nesta nova realidade, estas vulneráveis personagens -cada uma delas uma espécie de capítulo de uma mesma história -, criaram ligações fortíssimas entre si, há os que se adoram, os que se detestam, há intriga, inveja e mistério, há amigos para a vida e também eternos inimigos.

Cabe assim, a quem observa, tentar descortinar a relação que se estabeleceu entre cada uma.

Penélope Clarinha, 2024

Penélope Clarinha

Especialista em generalidades

Exposições individuais

2023 – “Passado imprevisível” – Galeria Arte Periférica, Lisboa;

2023 – “Em trânsito” – Igreja de Santiago, Monsaraz, Évora;

2022 - “Parados no Tempo” - Galeria Arte Periférica, Lisboa;

2022 - “Parados no Tempo” - Galeria Municipal do Montijo;

2021 - “Em Trânsito”, Galeria Azul, Auditório Municipal Augusto Cabrita;

2020 - “Culto da Personalidade”, Galeria Arte Periférica, Lisboa;

2018 - “Arquivo de Pinturas”, Galeria Arte Periférica, Lisboa.

Exposições Coletivas

2022 – Lucha de Gigantes, Casa México, Madrid, Espanha;

2020 - ARTFEM - Bienal Internacional de Macau, Macau, China;

2019 - JustLx, Feira de Arte Contemporânea, Lisboa;

2003 - Colectiva de Pintura e Desenho dos Alunos, SNBA, Lisboa;

2002 - Colectiva de Pintura e Desenho dos Alunos, SNBA, Lisboa.



Saskia Moro

A palavra e o silêncio.

A palavra e a importância de transmitir, de contar e até de gritar o que não se pode dizer.

O silêncio conta uma história. O silêncio conta mil histórias.

A palavra, antes censurada, torna-se grito de liberdade!

Uso a palavra como um desenho e o seu significado fica tecido em linhas de escrita, não necessariamente lidas, mas o seu sentido continua aí.

Falam, outras canetas que souberam melhor que eu, palavras que são escolhidas com cuidado... estas aqui são de José Saramago, falam da memória, de onde viemos, de onde vamos, do espaço que compartimos, da relação da terra com a árvore.

A oliveira que nos viu crescer...

Saskia Moro, 2024

Interessada desde pequena pelas artes plásticas e nas suas várias técnicas de representação. Estuda na Faculdade de Belas Artes da Universidade Complutense, Madrid donde é licenciada em 1991 na especialidade de gravura. Continua regularmente a adquirir conhecimentos em antigas e novas técnicas, ao mesmo tempo que esporadicamente leciona cursos sobre criatividade.

Desde 1989 participa em várias exposições coletivas em Espanha, Portugal, Holanda, França, Brasil e Índia. Forma o 'Coletivo C.H.A.P.A.S.' e participa na XXI Bienal Internacional de São Paulo (1990). Em 1995 realiza a sua primeira exposição individual no Instituto Cervantes de Lisboa e desde então expõe regularmente.

Os seus trabalhos centram-se na relação do espaço com o tempo, utiliza a água, a paisagem, a memória, a ausência, o horizonte, a fronteira, o jogo e também a palavra, a incorporação de textos literários. Estes últimos são textos específicos selecionados que ajudam a constituir um sentido para além das artes visuais.

As suas obras estão representadas em coleções públicas e privadas.

www.saskiamoro.com

Saskia Moro



Oliveira de José de Saramago, 2023

Aço corten com pé de betão pigmentado
+ base madeira, 170 x 75 x 70 cm

Criação de Saskia Moro, por ocasião do Centenário do nascimento do escritor. As oliveiras são símbolo de paz e de sabedoria. Esta árvore é uma escultura única, inspirada na oliveira que acolhe as cinzas do escritor José Saramago, diante da Fundação que leva o seu nome.

Cedência da Fundação José Saramago



Oliveira – sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam, 2023
aguarela de 115 x 115 cm colado sobre linho,
120 x 120 x 3 cm com a moldura de uma grade com papel Arches

Suzy Bila

Maré dentro, 2015
Acrílico sobre tela,
226 x 140,5 cm





Suzy Bila

Frequenta o curso de Pintura no (Ar.co), é doutoranda em Educação Artística pela UL-FBAL/IE. Expõe em Portugal, no seu país e no estrangeiro. Destaca a sua participação, em 2018, na I Bienal de Mulheres Artistas do Mundo organizada pelo Museu de Arte de Macau, Instituto Cultural e o Albergue SCM. Nesta exposição foram apresentadas 142 obras criadas por mulheres artistas, desde os anos 70 do séc. XX até aos dias de hoje por 132 artistas provenientes de 23 países, tendo incluído pintura, serigrafia, desenho, escultura, instalação e vídeo, etc., objetivando elevar a visibilidade das mulheres artistas contemporâneas, dar a conhecer a sua influência criativa, destacar os diversos papéis da identidade feminina, as diferentes interpretações do feminino e as práticas artísticas que transcendem as diferenças de género.

Representou o seu país, Moçambique na expo Dubai 2020, onde realizou uma performance para crianças, destacando o papel do "processo criativo".

Em 2023, na Art Macau 2023, Bienal Macau realizou a exposição individual "Paisagens interiores" com a Galeria de Arte AMAGAO, no Artyzen Grand Lapa. Ocorreram 30 exposições, permitindo ao público experienciar o intercâmbio cultural. Atualmente, março/maio 2024, está representada em duas Galerias, Melides Galeria MILI com a exposição "Flyia in Dream" e na arted´Gema com "Voz, já te oiço", onde invoca a impermanência como rutura ou como renascimento, o que exige de si um desaprender de algo... Nesse turbilhão de desequilíbrios, as ideias surgem em diálogo com o silêncio, a dor não se sacia com o diálogo interno e procura no corpo gestos, movimentos que levam a novos territórios, nunca antes trilhados.

É Educadora de Infância, numa Equipa de Intervenção e Capacitação Familiar da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, onde implementou, durante a Pandemia o seu projeto de doutoramento «**Processo Criativo e Espaço Potencial na Res-significação das Vivências de Crianças e Jovens em situação de negligência social**». A sua tese do Mestrado "Como motivar a descoberta da arte na creche" reflete sobre a inclusão das diferentes linguagens artísticas no desenvolvimento do seu currículo.

Desde 2011 que participa ativamente em conferências internacionais, tendo publicado vários artigos no âmbito da Educação Artística, destacando Invisibilidades, Construindo caminhos, Imaginação e criatividade como fonte de justiça social, Como motivar a exploração artística no pré-escolar?, Como motivar a descoberta de arte na creche?

Em 2021, lança o seu primeiro livro infantil, "**Lamura**", que constitui uma crítica à exploração do trabalho infantil, adotada em 2022 para o 8.º ano na Escola Portuguesa de Moçambique. Em 2022, ilustra o livro "O Cajueiro Mágico" de Venâncio Calisto: obra bilíngue distribuída gratuitamente nas escolas de Moçambique.

SUZY Bila (@art_suzybila) • Instagram photos and videos

Google Sites <https://sites.google.com/site/suzybila>



Vivian Asapche

Vivian Asapche esteve em Paris durante o confinamento de 2020 nos meses de março e abril, e criou a série a que chamou “Pausa”, mostrando-nos agora alguns desses trabalhos, neles expressa a intimidade humana diante de si própria, quando devido a acontecimentos externos, a autonomia é mutilada e só o esforço e a vontade impulsionam a liberdade de expressão.

Vivian Asapche acompanha esta série com algumas reflexões e escreve:

“- Eu, o impressionável, o vulnerável, o insaciável teimoso, desconfiado e curioso, declara: recebo imagens do inconsciente, do “eu supremo”, do vento, das ondas invisíveis, do futuro, do passado, da memória, do cosmos. Como um espírito comum, sou incessantemente vítima de influências externas, tendências e condicionamentos habituais: imprensa, preocupações, desencanto, história, política, manipulação oral e escrita, proibições, julgamentos, desprezos. Deixo claro que minha passagem por esta vida, por esta aparente realidade, está sendo efetivada em um caminho seletivo; bem cercados, com armas pacíficas e libertárias, deixando atrás de si pegadas luminosas, sorrisos herdados e faíscas mentais que se transformarão em raios anunciando chuvas férteis. Isto não é teatro, é o tempo parado numa pausa. A Primavera de 2020 abala as massas que por momentos param para pensar na condição humana, na interdependência global, na esperança, na marca que deixamos.”

Nasceu em Caracas, Venezuela. Vive e trabalha na França desde 1981. Artista de artes visuais, trabalhou nas oficinas dos artistas Navarro, Altamira e Cruz Diez.

Em Paris obteve o Diploma Nacional Superior pela École des Beaux-Arts, especializando-se em arte monumental e técnica de afrescos, depois obteve o mestrado na Paris 1 Panthéon Sorbonne e o diploma em Story Board e Lay Out na Escola Gobelins com honras.

A sua obra pictórica está dividida em várias coleções: “massa em movimento”, “o jardim das paixões”, “mulheres do Tarot”, “Doze retângulos e um quadrado”, “F40”, “Under/Top”... Tem apresentado a sua obra (pintura, escultura, fotografia e performance) em inúmeras exposições na Europa, América Latina e EUA.

Os seus trabalhos encontram-se em diversas coleções públicas e privadas, entre outras, no museu Reina Sofia, na Câmara Municipal de Soria, na Fundação Polar, todas em Espanha, no Museu Luis Noboa Naranjo, no Equador.

Esta artista que trabalhou no teatro e estudou filosofia, desenvolve o seu trabalho num quadro conceptual que por vezes é acompanhado por encenações a que a artista chama de “performances”.

Algumas apresentações: “Ana-Ajawa”; “El Tarén”; “Tambour et Cuir”; “Femme”; “Manos a la Obra”; “Mimetismo al cuadrado”; “Train-Art”.

Vivian Asapche criou e realizou em Caracas, Venezuela, um museu comunitário ao ar livre ao longo de 8 quilômetros; Fachadas, esculturas e jardins foram feitos com a participação dos moradores locais.

De destacar também a sua participação no movimento monumental da localidade de Escariche, em Espanha, bem como as suas atividades artísticas com o grupo parisiense “l’art en direct”; Grandes obras, performances e outras intervenções foram realizadas em Paris e outras cidades da Europa e do mundo.

Atualmente a artista propõe outros projetos murais para outras comunidades.



Vivian Asapche



L'espoir, 2020, Série *Pause*, Técnica mista s/ tela, 100 x 81 cm



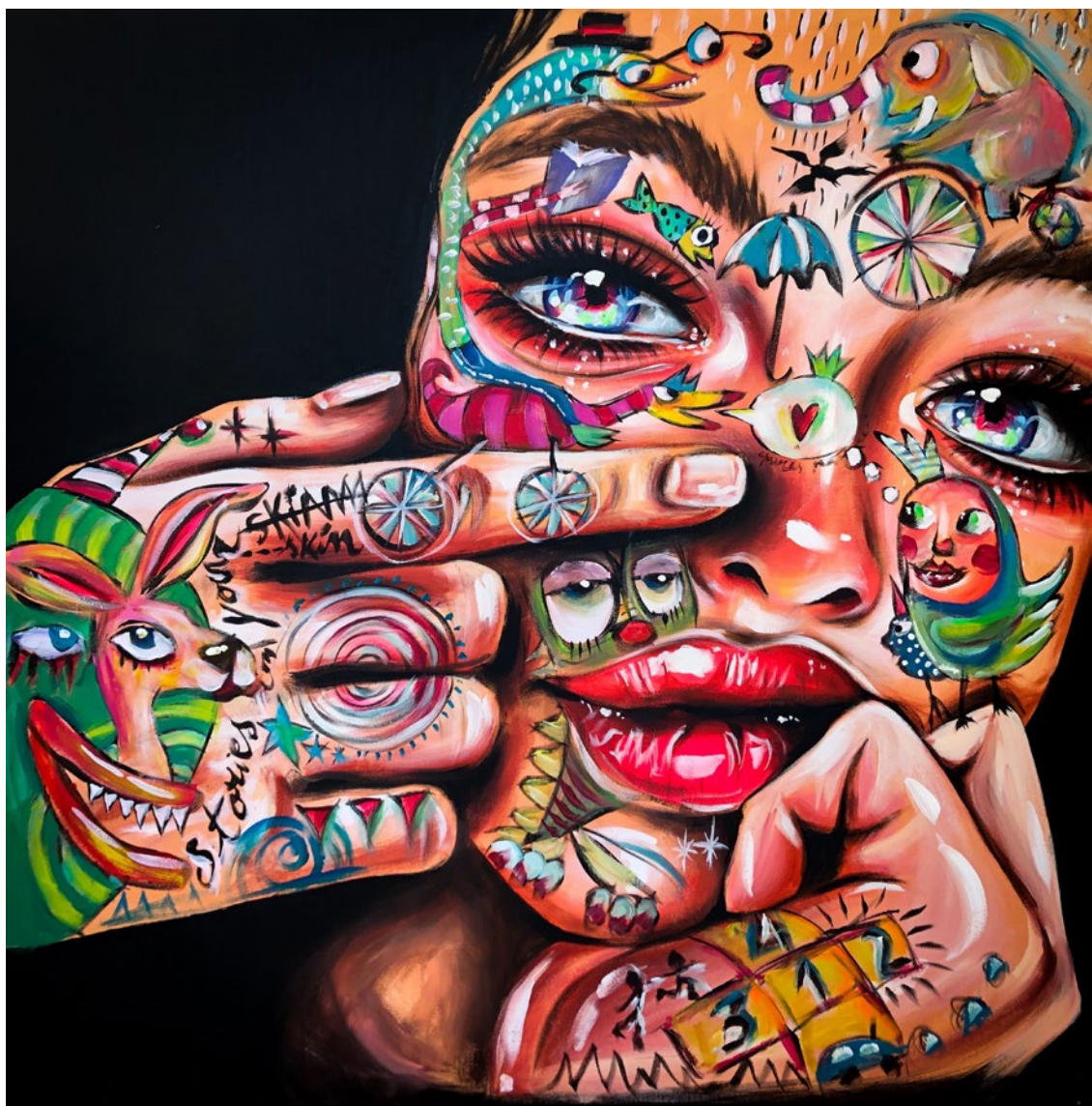
Le nouveau citoyen, 2020, Técnica mista s/ tela, 94,5 x 77 cm

Xana Abreu



Acorda!

Acrílico sobre tela, 203 x 233 cm



Miss You
Acrílico sobre tela, 100 x 100 cm

Xana Abreu



"A pintura de Xana Abreu é um universo coerente. Podemos viajar nele, visitar os seus planetas, contemplar os seus arco-íris, ser iluminados pela claridade das suas constelações. Durante essa travessia, encontramos um espaço *à nossa medida, que precisa da nossa* atenção, sensibilidade e inteligência para existir. Povoados de animais humanizados ou de humanos animais, sugerem-nos histórias. Essas narrativas não são óbvias, requerem uma lógica que transcenda o superficial. Esse desprendimento das leis físicas e naturais é a liberdade do sonho. Se olharmos diretamente para os olhos presentes nos seus quadros, o realismo com que são desenhados, contrastante com a fantasia de tudo o resto, parece abrir também um caminho, uma ligação entre aqui e lá. Talvez por isso, o autorretrato com Lou Reed, que canta Walk on the Wild Side, mas que também canta Perfect Day."

José Luís Peixoto

A artista plástica Xana Abreu nasceu em Lisboa, em 1975 e sempre soube, desde criança, que queria ser uma artista plástica. Frequentou a Escola de Artes António Arroio, em Lisboa, e posteriormente o curso de pintura da Faculdade de Belas Artes – Universidade de Lisboa.

A arte de Xana Abreu, além de figurativa, vai buscar ao surrealismo a criação de uma realidade alternativa, valorizando a fantasia. Também segue uma linha expressionista, propondo uma arte pessoal e intuitiva, onde predomina a sua visão interior enquanto artista, mulher e sonhadora.

1995. Escola de Artes António Arroio, Lisboa

2000. Faculdade de Belas Artes de Lisboa (curso de pintura)

Exposições individuais:

2022 "Sirumba", Galeria MAC-Movimento Arte Contemporânea, Lisboa, PT.

2021 "Menina-mulher", Galeria Municipal do Montijo, PT.

2020 "Sem Chão", Museu da Água, Coimbra, PT; "The Clock", Museu CEART – Centro de Arte Tomás y Valiente, Madrid, Espanha.

2019 Daville Baillie Gallery, Joanesburgo, África do Sul

2018 "Da Minha Terra", NH Design Gallery, Porto, PT; "Pelos Olhos Dela", Galeria Nuno Sacramento, Ílhavo, PT

2017 Espaço Arte Europa América, Lisboa, PT

Exposições coletivas:

2024 "Liberdade", Centro de Exposições de Odivelas, PT

2022 "Patrimonio de Nuestra Ciudad – Colección de Arte del Ayuntamiento de Fuenlabrada", Museu CEART – Centro de Arte Tomás y Valiente, Madrid, Espanha

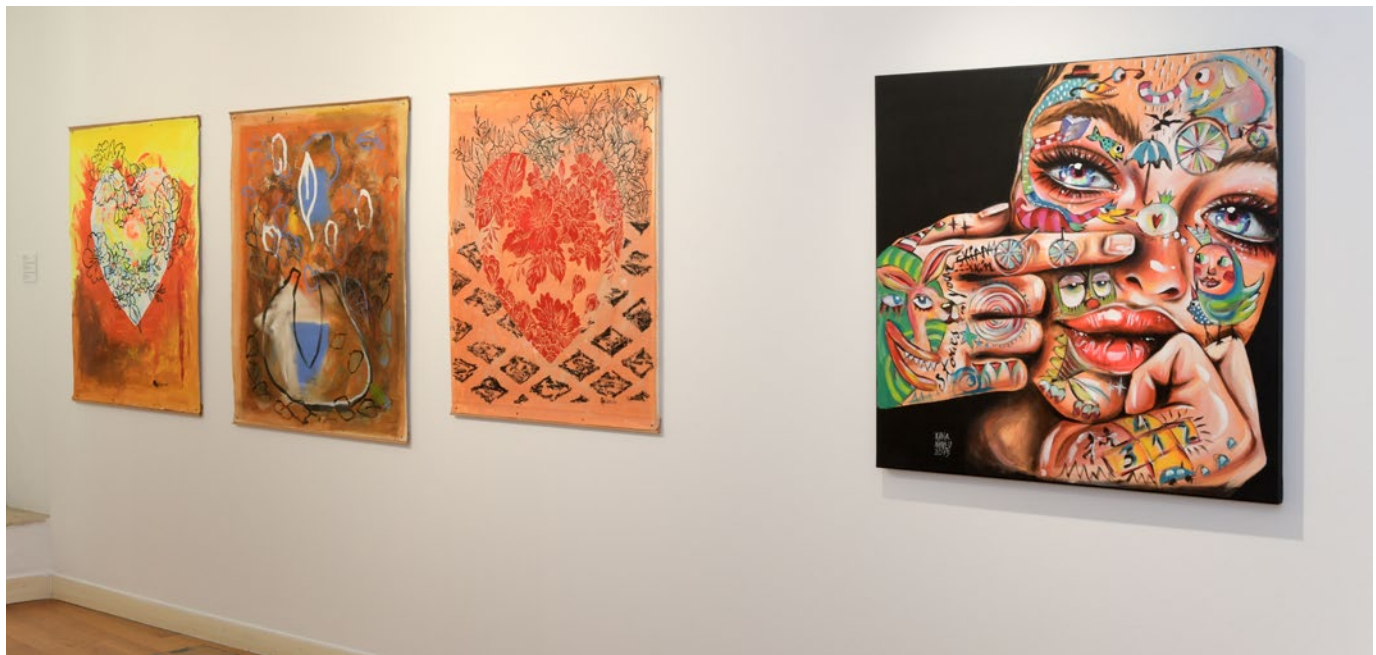
2021 ArtUp! Contemporary Art Fair, Lille, França; "2 ou 3 choses que je sais d'elle", Zet Gallery, Braga, PT; 6ª Bienal Internacional de Arte de Espinho

2020 "Arte de Bolso", Galeria Sete, Coimbra, PT; Montsequei Art Gallery, Madrid, Espanha; Fundação Dionísio

Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, Águeda, PT; JustMad International Contemporary Art Fair, Madrid, Espanha

2019 EuropArtFair, Gashouder Westergasfabriek, Amsterdão, Holanda; Art Montpellier Foire Méditerranéenne des Arts Contemporains, Montpellier, França; "Arte de Bolso", Galeria Sete, Coimbra, PT; 4.º Salão de outono: "Aberto para Obras", Museu da Guarda, Guarda, PT; "Huetopia", Noho Studios, Londres, Reino Unido; Abartium Galeria, Barcelona, Espanha; XXXV Muestra Internacional y Multidisciplinar de Arte Contemporáneo, Barcelona, Espanha; Simpósio Internacional de Arte Contemporânea, Guarda, PT; JustLX Contemporary Art Fair, Museu da Carris, Lisboa, PT; "Big Bang and Butterflies", Daville Baillie Gallery, Joanesburgo, África do Sul.

2018 NH Design Gallery, Porto, PT; "Ten By Tem", Casa Municipal da Cultura de Estarreja, PT; Galeria Nuno Sacramento, Ílhavo, PT.















FICHA TÉCNICA CATÁLOGO

Título “Nós podemos, Nós fazemos!”:
exposição coletiva

Edição Câmara Municipal do Montijo

Autor Câmara Municipal do Montijo

Organização Galeria Municipal do Montijo

Textos Cedidos pelas autoras

Fotografias Cedidas pelas autoras | Gabinete
de Comunicação e Relações Públicas

Projeto gráfico Gabinete de Comunicação
e Relações Públicas

Divulgação Gabinete de Comunicação
e Relações Públicas

Impressão AD Print Unip. Lda.

Tiragem 350 exemplares

Depósito Legal

ISBN 978-989-9222-00-7

FICHA TÉCNICA EXPOSIÇÃO

Produção e Organização Divisão de Cultura,
Bibliotecas, Juventude e Desporto/ Galeria
Municipal

Design Gráfico Gabinete de Comunicação
e Relações Públicas

Montagem Divisão de Cultura, Bibliotecas,
Juventude e Desporto/ Galeria Municipal
Divisão de Obras, Serviços Urbanos e Ambiente

Montijo, julho 2024

Galeria Municipal do Montijo

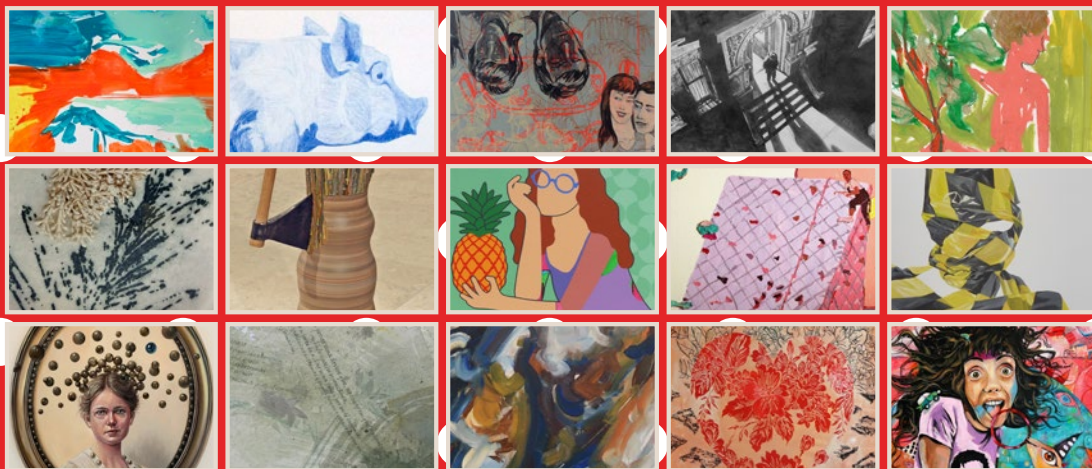
Rua Almirante Cândido dos Reis, 12 • 2870-253 Montijo

telefone 21 232 77 36 **e-mail** cultura@mun-montijo.pt

terça a sábado das 9h00 às 12h30 e das 14h00 às 17h30

www.mun-montijo.pt  [galeriamunicipalmontijo](https://www.instagram.com/galeriamunicipalmontijo)





Ana Sério | Bárbara Assis Pacheco | Benedita Kendall | Catarina Patrício | Guida Casella
 Inês Almeida | Inês Botelho | Lara Roseiro | Nicoleta Sandulescu | Paula Sousa Cardoso
 Penélope Clarinha | Saskia Moro | Suzy Bila | Vivian Asapche | Xana Abreu



arteperiférica
 GALERIA

SÃO MAMEDE
 GALERIA DE ARTE